

VILÉM FLUSSER

Faust se apronta a assinar o pacto. O diabo exige que seja feito com sangue. "É um suco todo especial" insiste. O propósito do presente artigo é tecer alguns comentários em redor desse suco diabólico que cobre a superfície terrestre com uma camada de vida. Não considerarei o seu pulsar luxurioso nas nossas artérias, nem o seu fluir indolente nas nossas veias. Não falarei do seu ritmo que bate o compasso das nossas vidas. Não mencionarei o nojo e o horror que nos causa quando se derrama dos nossos corpos a fora. Tratarei de "transcende_lo". Procurarei subir uma torre de observação que permita uma visão panorâmica do majestoso rio de sangue. Tentarei descrever como esse rio brota de fontes misteriosas, como ele se espalha e aprofunda para cobrir a superfície dos oceanos e dos continentes, como forma incontáveis braços, (os "seres vivos"), e como, atualmente, procura projetar tentáculos até os astros: "per aspera ad astra". Finalmente farei a tentativa de interpretar éticamente esse processo todo.

A terra tremia. Jorros violentos de lava incandescente vomitavam e devoravam rochas. Chuvas torrenciais e quentes martelavam a crosta terrestre, e evaporavam-se imediatamente. E numa praia primordial de um oceano esquecido surgia a vida, a primeira gota de sangue. A ciência dá um nome profano a esse milagre: "ortogenese". Por quê não chama-lo: "conceição imaculada?" O milagre não se repete. A natureza deixou de criar vida nova. Os laboratórios, estes sim, procuram copia_lo. A vida sintética é sua meta. Quando essas tentativas forem coroadas de êxito, teremos uma população densa e luxuriante, composta de criaturas moduladas pela imaginação humana. Músculos, cérebros e órgãos sexuais andarão por aí para deleitar_nos. Mas este desenvolvimento é coisa do futuro. Somos, graças a Deus, subdesenvolvidos. Wagner, o discípulo de Fausto, criou esse tipo de vida. Esse ser gerado e concebido pelo pecado é uma visão do futuro.

A vida "natural" devora. Transforma, sem cessar, matéria inorgânica em orgânica, "em sangue". A sua meta é absorver toda a matéria aproveitável para formar uma camada grossa e sólida, a "biosfera", entre a crosta terrestre e a atmosfera. O processo é quimicamente e biologicamente muito complexo e pouco compreendido, mas tomado como projeto é simples. O projeto da vida é devorar, e será realizado quando tudo fôr devorado. É, para falarmos com Nietzsche, a vontade para o poder que procura realizar-se. A isto se opõe a matéria bruta e inerte. E a própria estrutura da vida cria dificuldade. O jogo entre a força da vontade e as forças da resistência externa e interna é chamado "evolução da vida".

A estrutura da vida é a célula, e esta não pode, por razões estruturais, expandir-se ao infinito como queria. Não pode formar um oceano de vida, porque este seria amorfo. Para poder propagar-se, precisa dividir-se. Essa deficiência estrutural da vida é responsável pelo seu desmembramento em seres. A vida se propaga procriando seres, na falta de um método melhor de

VILÉM FLUSSER

realizar a sua vontade. Esses seres são os protozoa. A vida procura cobrir dessas células a terra e os oceanos. Formam, com sua multidão incalculável, a capa viva dos mares, e os seus detritos caem em chuva incessante e fecunda até os abismos mais profundos. Destroem e devoram as rochas e formam a camada viva do humus. São imortais esses seres. São imortais como o é tudo neste mundo que nos cerca. Podem desintegrar-se e voltar para a economia da anorganicidade, mas não necessariamente. Dividem-se incessantemente em dois e formam assim as gotas do rio imortal da vida. O projeto da vida não contém a morte. É um erro crer que a vida implica a morte. A vida é imortal, e infinita e illimitada é a sua vontade.

Os seres unicelulares formam a enorme maioria da correnteza da vida. Mas existem, na sua superfície, exuberâncias e apêndices efêmeros: os seres multicelulares. São como que tumores cancerosos sobre o corpo da vida. Emergem, fugazes, do seu fluxo quente e voltam para ele. Surgiram esses seres doente num estágio tardio da evolução da vida. Foram criados pela vontade vital como tentativas de reformular a estrutura da vida. Algumas dentre as células recusaram-se, depois da divisão, a separar-se. Formavam lençóis, tecidos. A vida procurava, desta maneira, preencher os vácuos existentes entre os protozoários e consolidar-se. Mas algo de misterioso aconteceu nesse processo. O tecido tornou-se "individualidade". As células que o compunham submetiam-se a um princípio unificador intangível. Chamemos esse princípio de "eu". A sociedade de células emana, de maneira misteriosa, um "eu", e esse "eu" faz com que seja um indivíduo essa sociedade. O domínio que o "eu" exerce sobre a sociedade de células da qual é monarca é um domínio frágil. As células cooperam até certo ponto, submetem-se às estruturas impostas pelo "eu", especializam-se em obediência às suas regras e formam órgãos. Até certo ponto. Ultrapassado esse ponto, entram em choque entre si e com o "eu" dominador e derrubam o seu governo. Essa revolução libertadora das células contra o "eu" chama-se "morte". A morte é a deposição do "eu". É necessária, dada a estrutura dos seres multicelulares. O projeto existencial dos seres multicelulares contém a morte. São mortais esses seres. A morte, que é a deposição do "eu" é tão intangível quanto este. A vontade vital, ao ter criado seres multicelulares, criou as entidades intangíveis do "eu" e da morte.

O tecido que tende a expandir-se em todas as direções choca-se contra a resistência que lhe opõe a matéria bruta. Influências de ordem gravitacional, eletromagnética e química, e acidentes geográficos e meteorológicos frustram a vontade do tecido para a extensão ilimitada. O tecido frustrado procura superar os obstáculos que lhe barram caminho. Essa tentativa está em curso há milhões de anos, e o seu desfecho é imprevisível. Como primeiro passo o tecido se contorce sobre si mesmo e forma um tubo. Exemplos desse estágio são certos vermes. Num estágio subsequente o tubo se retorce e forma aquelas criaturas grotescas de duas vacuidades e três camadas de tecido chamadas "seres".

VILÉM FLUSSER

"evoluidos". A história dessas contorções e retorções é conhecida. É a história da "origem das espécies" que tanto empolgava os nossos avós e tanto o otimismo lhes causava. Nós, os herdeiros cansados desses "homines sapientes" da era vitoriana, dessas corôas gloriosas da criação, sentimos simpatia menor pela "luta para a sobrevivência" e pelos "melhor adaptados". O método do "progresso" da vida, que é o da tentativa e erro, nos parece, francamente, cretino. E o resultado alcançado, (que somos nós), não parece justificar o massacre brutal e indiscriminado das espécies "menos favorecidas". E com estas considerações passo a valorizar a cena da vida, cuja imagem desfraldei ante a visão mental dos leitores.

É preciso valorizar os fenômenos da vida. Não podemos, se formos honestos, manter o "dégagement" sereno da biologia. A correnteza da vida pulsa nas nossas veias. Nadamos nela, em grande parte por ela propulsionados, em parcela ínfima procurando a dar-lhe rumo. Valorizar os fenômenos da vida é procurar dar rumo à própria vida. Obviamente depende a valorização do ponto de vista. Mencionarei apenas dois, para iluminar o problema pelo menos com duas faixas de luz daquele farol giratório chamado "filosofia".

O primeiro ponto de vista é a "filosofia da vida". Seus representantes mais destacados são Nietzsche e Bergson. São os glorificadores da vida. Para eles é o "suco todo especial" que o diabo recomenda a Fausto o próprio elixir da felicidade. O progresso da vida, (que acabou de descrever), é, para esses pensadores, o caminho da perfeição, e o rumo desse progresso é a direção e o sentido de todos os valores. A força da vontade, o élan da vida, é o chicote que incentiva o corcel do progresso em sua corrida triunfal ao longo da escala de valores. O seu próprio galope cria valores sempre mais perfeitos. A "inteligência", o "pensamento", ou qualquer outro termo que designe aquele fenômeno intangível que "morre", e que chamei de "eu", tudo isto freia o corcel da vida em seu avanço glorioso, e deve ser portanto valorizado negativamente. Viva a vida e tudo que lhe é útil! Morra tudo que se opõe à vida, e mais especialmente a mente! Aliás, é o que acontece de fato: a vida vive e a mente morre. A filosofia da vida é, como vêm os leitores e como diz Russell, uma filosofia apropriada para oficiais de cavalaria. É uma filosofia diabólica no sentido tradicional, porque inverte os valores do cristianismo. Para o cristianismo é a vida neste sentido, (isto é a "carne"), um obstáculo no caminho da salvação, e a filosofia da vida é a glorificação da carne. A "alma", que é aquele fenômeno intangível que surge como consequência da associação de células, e que o cristianismo considera como de interesse existencial central, é, para a filosofia da vida, um obstáculo a ser vencido no steeple-chase da vida. Creio, no entanto, que a nota de desespero que se esconde nesse brado de guerra sangrenta não escapou ao ouvido atento dos que acompanham o argumento. O resultado dessa filosofia é apropriado à sua diabolicidade. O nazismo é apenas o exemplo mais impressionante. Em formas um pouco mitigadas domina essa filosofia a cena da atualidade.

VILÉM FLUSSER

O segundo ponto de vista é o do existencialismo. Para esquematizar a diferença entre a visão da vida de um Nietzsche e de um Heidegger, direi que a primeira assume o ponto de vista da améba, e a segunda o ponto de vista do verme. A vida é gloriosa para Nietzsche, porque a améba, em sua imortalidade, se dividirá eternamente e de maneira sempre mais poderosa. A vida é absurda para Heidegger, porque o verme rasteja rumo à morte, e porque a morte habita a cavidade do seu corpo. O gigantesco rio de protoplasma, a maré sempre crescente do suco todo especial, projeta, brutalmente, "existências" do seu colo em direção da morte. Com efeito, "existir" significa exatamente esse estar jogado e lançado para fora do rio da vida e em direção da morte: "ex_sistere = estar fóra". A existência autêntica aceita essa sua situação com um a facticidade (Sartre). Resolve-se para a morte. Viver é quase impossível (Guimarães Rosa). Mas é preciso viver o mais possível "quando_mêmo" (Camus), porque querer cair para a morte não seria honesto. Viver é sofrer, e a existência pode reagir a esse sofrimento de duas maneiras. Pode tentar dissimular_lo, pretendendo que a vida é gloriosa. Ou pode ter a honestidade do desespero. Esse desespero despertará a consciência de si mesmo (Jaspers). Em outras palavras: é preciso admitir que a vida é absurda, e é preciso admitir, simultaneamente, que não há nada além da vida. É igualmente diabólica essa filosofia. Aceita o suco todo especial como valor supremo, embora o faça com desespero confesso. É a fé no diabo sem glorificar_lo.

A tradição ocidental, pelo menos aquela que representa a superfície oficial, opõe-se a esses maniqueísmos. Afirma a "mente", o "intelecto", a "alma", o "eu", e nega a "carne", "o sangue", "o suco todo especial", portanto a "vida" no sentido empregado neste artigo. Para essa tradição oficial é todo aquele processo que esbocei e que chamei de "evolução da vida" um fenômeno duvidoso e dubitável. Indubitável é tão somente a "mente", aquele epifenômeno intangível da vida. É como se o rio do protoplasma fosse uma construção mental para explicar a origem da mente. A mente é o valor supremo. Ela é o "salvável", e o resto, todo aquele conjunto duvidoso de fenômenos vitais é o "sacrificável" (Vicente Ferreira da Silva). A morte da mente é uma ilusão criada pelo mundo ilusório da biologia. A imortalidade é a própria essência da mente, a qual apenas esqueceu esse fato ao ter-se "incorporado". A tradição oficial é francamente anti_diabólica, mas, (é preciso confessar_lo), é uma tradição cansada. Não consegue mais convencer_nos.

O suco todo especial, com o qual Fausto assinou o pacto, não cessa, ilusório ou não, a derramar-se em cataratas espumantes dentro de nós e em nosso redor e a arrastar_nos a todo instante. As considerações e os argumentos que articulamos a favor ou contra ele não parecem atingi_lo. No entanto, algo em nós continua a formula_los. Nesse algo em nós que desafia a vida reside esperança.